

PALCO

JUIZ DE FORA, MARÇO, 2015. ANO VII. Nº 44

CENTRAL 86 ANOS NOVA FASE

O Cine-Theatro Central comemora os seus 86 anos neste mês em plena forma: após sete meses de obras, chega ao fim a restauração de manutenção a que o patrimônio foi submetido no interior e nas fachadas – a maior intervenção realizada no espaço desde 1996, quando foram recuperadas as características originais do prédio. Pronto para receber eventos, o Central retoma sua agenda com muitas novidades. O teatro recebeu novas cortinas de palco e novo ciclorama (superfície curva no fundo do palco, que cria sensação de profundidade), ambos feitos de materiais antichamas, além de uma mesa de som para eventos da UFJF e do próprio Central.

O teatro também adquiriu um projetor de cinema antigo, vindo do Rio de Janeiro. O equipamento será usado para apresentação de um vídeo produzido pela Diretoria de

As obras nas fachadas incluíram intervenções para restauro da escadaria de acesso principal e do piso externo, com substituição de ladrilhos hidráulicos quebrados e recomposição do mármore por outros com as mesmas características. Também foram substituídos os pisos em cimentado dos acessos laterais e das bilheterias por novo piso em ladrilhos. Para combater o problema das infiltrações, marquises e terraços foram impermeabilizados. A tinta usada para a pintura foi a do tipo mineral, como especifica o arquiteto Massimiliano Fontana. “O objetivo desta tinta é deixar que a superfície respire. Isso é muito importante para a conservação de bens de patrimônio histórico como o Central”, ressaltou.

Durante todo o processo de restauração, o arquiteto Massimiliano Fontana e a restauradora Martha



NESTA EDIÇÃO

DARLAN LULA
A TRANSCENDÊNCIA DA DOR

TRANSMURILIANA
POESIA EM QUADRINHOS

PATRIMÔNIO
A BUROCRACIA NA PRESERVAÇÃO

SYLVIO GOMES
LIÇÃO DE HARMONIA

JANELA DO CAOS
RARA CONVERGÊNCIA

Comunicação da UFJF (Dircom), que irá orientar o público de eventos e das visitas guiadas sobre a preservação do cine-teatro. “Esse vídeo vai mostrar todo o processo de restauração para conscientizar o público da importância de se manter o teatro conservado”, explica o diretor do Central, André Xandó. O filme também mostrará as medidas de segurança que devem ser tomadas em caso de necessidade.

Uma nova fase se acena para o Central em 2015 com a modernização do espaço. Tombado em âmbito federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o teatro depende da aprovação de projetos encaminhados ao órgão para autorização da instalação de ar condicionado e bilheteria eletrônica, atendendo a demanda de artistas e público [veja matéria sobre a burocracia para manutenção de bens tombados à página 3]. Segundo André Xandó, a bilheteria é um processo que poderá ser resolvido mais rápido; já o ar condicionado ainda irá demorar um pouco, pois o projeto continua em fase de estudos. “Entramos com o pedido junto ao jurídico do teatro para a implementação da bilheteria eletrônica e só estamos aguardando a aprovação do IPHAN”, explica o diretor. Mas, depois de aprovados pelo IPHAN, os projetos ainda dependerão de emenda parlamentar para assegurar os recursos necessários à sua execução.

O RESTAURO

Se, hoje, ao entrar no Cine-Theatro Central, podemos ver fachadas e pinturas renovadas, não conseguimos imaginar como estava o prédio há sete meses, quando começou a reforma na parte interna. A restauradora Martha Fontana conta que havia pontos das paredes com manchas pretas causadas por calçados. “Muito do que fizemos foi recuperar a cor das paredes que estavam manchadas com marcas de sapatos e de gordura do corpo, que fica na parede quando as pessoas encostam nelas”, comentou a restauradora.

Fontana foram os responsáveis pelas obras. O casal, que participou da reforma de 1996, ficou orgulhoso de mais uma vez tomar parte de um momento significativo da história do teatro. “Para mim, isso é muito importante, tanto profissionalmente, quanto pessoalmente. O Cine-Theatro Central faz parte da vida do Juiz-forano”, comentou Massimiliano. Já Martha pede mais cuidado no uso do teatro: “O Central tem história, e esta memória viva tem que ser preservada”, reivindica.

Massimiliano explicou as diferenças entre a primeira grande restauração em 1996 e a atual. “Naquele ano, tivemos que fazer a restauração de reparo, ou seja, recuperar as características originais do teatro, como cores, pinturas, etc.”. Nesse último trabalho, foi feita apenas a manutenção, com a as paredes de dentro e de fora do teatro mantendo as cores originais, e trocados os ladrilhos hidráulicos que estavam quebrados, além da remoção de manchas da parede. “O intuito do restauro de manutenção é aumentar a vida útil do prédio, porque dá menos trabalho quando se preserva do que quando se precisa fazer uma intervenção mais profunda a cada 20 anos”, explica o arquiteto.

As portas do Central também receberam manutenção e a instalação de borrachas na parte de baixo para impedir a penetração de água das chuvas ou das lavagens feitas pelo Departamento Municipal de Limpeza Urbana (Demlurb) na calçada em frente ao prédio.

O pró-reitor de Cultura, Gerson Guedes, ressaltou a importância do restauro de manutenção para a garantia de funcionamento em perfeitas condições do Cine-Theatro Central: “É um bem de Juiz de Fora que tem que ser preservado pela grandeza que representa tanto para a Universidade, quanto para a cidade e a região”, afirmou. “Este ano, pretendemos continuar com o teatro de portas abertas para artistas da cidade e nacionais, além de trazer novidades para a população.”

Rômulo Rosa



João Miranda para o poema *O renegado*. Arte Digital.

TRANSMURILIANA MURILO MENDES EM QUADRINHOS

A obra de Murilo Mendes ressurgue em nova linguagem na mostra *Transmuriliana*, em cartaz no Museu Arte Murilo Mendes (MAMM) até 10 de maio. A exposição reúne trechos de obras do poeta ilustrados por 22 quadrinistas de várias partes do país, acompanhados de áudio com a declamação dos excertos feita por atores de diferentes companhias de Juiz de Fora.

Dividida em quatro temas – masculino, feminino, natureza e mística, a mostra apresenta poemas e textos em prosa que servem de inspiração para os artistas. Os trabalhos não são apenas ilustrações do texto muriliano, mas transliterações. “Os artistas ficaram livres para criar. Alguns se ativeram mais à fonte, outros fizeram releituras. O objetivo foi mostrar como a obra do Murilo Mendes é rica em intermedialidade”, afirma o curador Thiago Berzoini.

A exposição atualiza a conhecida estética muriliana da convergência de vários nichos da arte ao gosto contemporâneo. A utilização do quadrinho conjugada ao áudio fornece ao visitante a possibilidade de apreensão do objeto artístico em diferentes patamares. “A presença do texto escrito, da voz e da imagem brinca com estes diferentes níveis de percepção. É como numa orquestra: um mesmo tema é tocado por instrumentos diferentes e ao mesmo tempo. Esse arranjo sugere ao espectador ângulos diferentes para compreender a obra, notar as semelhanças e diferenças entre as expressões artísticas”, comenta Berzoini.

A variedade de tipos de desenho também é outro ponto a favor. Não apenas quadrinhos compõem a *Transmuriliana*, mas também charges, tiras, caricaturas, desenho clássico e mangá. Na lista de nomes que produziram os trabalhos, constam artistas tarimbados, como Mario Cau, ganhador do prêmio Angelo Agostini de melhor desenhista

2014, e Walter Pax, ilustrador responsável pela edição brasileira do RPG *Chamado de Chtulhu* (editora Terra Incógnita), e artistas novos como a juiz-forana Paula Januzzi, que trabalha com e-books infantis, e João Miranda, responsável por obra que conta a história do empreendedor Bernardo Mascarenhas.

Ainda de acordo com Berzoini, a apropriação da linguagem dos quadrinhos se dá por dois motivos. O primeiro é mostrar como os quadrinhos se constituem como gênero artístico e, portanto, pode dialogar de maneira frutífera com artes consagradas como a literatura e o teatro. O segundo é atrair o público consumidor de desenho para o ambiente de museu. “A intenção é mostrar as possibilidades artísticas dos quadrinhos e, a partir disso, fazer o público do desenho perceber a relação com arte e o público dos meios artísticos descobrir os quadrinhos”, afirma.



Godinho para o poema *Meninos*. Nanquim sobre papel.

Thauan Monteiro

DARLAN LULA A POÉTICA DA SUPERAÇÃO

Com versos que contêm uma comovente história de vida, *A casa de madeira*, do escritor Darlan Lula, conta a experiência real de ir ao fundo do poço para emergir renovado e chegar ao amadurecimento. Baseado em sua própria trajetória, partindo de um momento específico vivenciado no segundo semestre de 2013, o jovem autor trabalha sua poesia como transcendência da dor e agora quer transmitir sua vivência com o olhar de quem reconhece o milagre da vida e se apodera com garra e perseverança da chance de se reinventar como pessoa, como pai e como profissional.

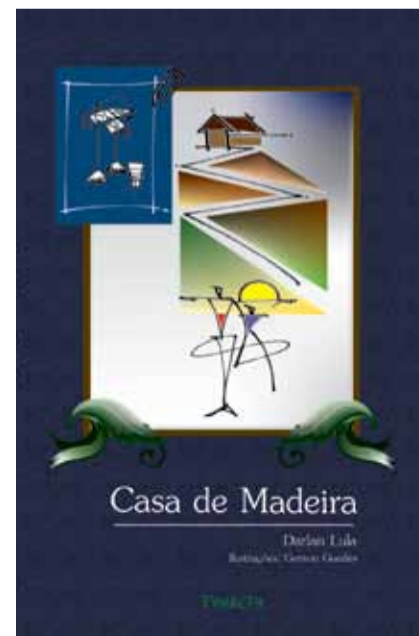
Corpo, mente e alma em equilíbrio, ele se prepara para um verdadeiro transbordamento poético e analítico com o lançamento de seu novo livro em 27 de março no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). Autor de *Pontos, fendas e arestas*, *Viera tarde e Desvios*, ele oferece um momento especial para o público, integrando *A casa de madeira* à programação do Museu para o Mês da Mulher. Assim, antes da sessão de autógrafos, haverá palestra, com entrada franca, ministrada pela professora de História da Arte Vanda Arantes sobre o tema Literatura, Arte e Depressão.

Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), hoje com 34 anos, Darlan Lula ressalta que a principal motivação de vida e inspiração é seu filho Pedro Henrique, de 11 anos, que ele cita nos versos de *A casa de madeira* em um poema especial: “Para ele, tudo é alegria!/ Como o amo!/ Para ele, tudo é diversão!/ Como o admiro!/[...]/Garoto responsável, sorriso largo/ No seu laptop e Minecraft/ Discrição meiga de criança madura/ Sabedor do que quer da vida/ Viajante dos espaços virtuais/ Atualizado, inteligente, feito para o mundo/ e acalentado por seus pais, tronco amigo,/ folhas verdes e queridas”.

Apresentada pelo psiquiatra Luiz Carlos Machado, a obra traz um ar de redenção, incitando o leitor à necessidade de reflexão sobre o

medo de encarar uma doença que é real e tem tratamento: “Considero que o principal aspecto do livro seja mostrar o papel fundamental da vontade e do amor no processo da recuperação da depressão, é um relato que pode mudar mentes e conceitos e, talvez até mesmo, salvar vidas”. [...] “É difícil não ter um sorriso nos lábios e um sentimento de paz no coração quando terminamos a leitura, pois o texto de Darlan Lula é como um copo de um precioso vinho, que deve ser sorvido em pequenos goles, inundando-nos de uma sensação de prazer no final”.

Ao todo, são 72 páginas que abrigam 34 poemas, sob os títulos “Cauterização”, “Rapsódia boêmica”, “Há definição?”, “Todos dependentes”, “Eu lírico falastro”, “Casulo”, “Palavras”, “Circunferência”, “Paciente”, “10 de setembro”, “Livre-arbítrio”, “Independentes”, “Flor”, “O motivo”, além de um capítulo especial, “Vida que segue”, contendo os versos de “Metamorfose”, “Da janela” e outros sem título. A capa e o miolo do livro foram ilustrados pelo artista plástico Gerson Guedes, pró-reitor de Cultura da UFJF. O design gráfico e a diagramação ficaram a cargo de Nathália Duque. O trabalho contou com o patrocínio da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa) por intermédio da Lei Municipal Murilo Mendes de Incentivo à Cultura.



Katia Dias



SYLVIO GOMES DEVOÇÃO À MÚSICA

Com longa carreira e vasta experiência musical, iniciada ainda na infância, o maestro Sylvio Gomes, fundador da Orquestra de Jazz do Pró-Música, lançou o seu primeiro livro no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) agora em março. *Harmonia para todos os instrumentos*, publicado pela Editora Tempo, é um livro didático sobre harmonia musical, voltado para músicos profissionais e para iniciantes que queiram aprender mais sobre o assunto.

O projeto do livro surgiu da demanda de alunos e colegas de profissão, que pediram ao maestro que transferisse sua experiência para o papel. Além disso, Sylvio também observou a necessidade de mostrar para outros músicos que não só os instrumentos que lidam diretamente com harmonia, como piano, violão e guitarra, precisam entender dessa combinação simultânea dos sons. “A harmonia traz uma visão holística da música, por isso, ainda que o músico não lide com um instrumento no qual ela seja o elemento principal, o conhecimento de harmonia confere um entendimento mais profundo de musicalidade”, afirma.

Sylvio Gomes costuma dizer que “música não é profissão, é devoção”. E a sua própria vida é a comprovação disso. Aos 7 anos, ele começou a tirar sozinho as primeiras notas no acordeom de sua mãe, que, na época, era professora do Conservatório de Música do Rio de Janeiro. Quando ela saía para trabalhar, o menino pegava o instrumento e passeava pelas teclas, até que encontrou duas notas que, juntas, compunham a música *Kalu*, de Humberto Teixeira. Depois de tirar a música completa, o maestro apostou com a mãe que sabia tocar o instrumento. Aposta ganha, ele foi aprofundar seus estudos e iniciou sua carreira como acordeonista.

Já aos 13 anos, Sylvio fez apresentações no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no Ginásio do Maracanãzinho, na antiga Rádio Nacional e em diversos clubes da cidade com a Orquestra Vitório Stefanini. Atuando profissionalmente como pianista, o músico também fez apresentações solo em inúmeras casas noturnas do Rio de Janeiro, e trabalhou com grandes nomes da música brasileira, como Nana Caymmi, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Elza Soares e João Bosco.

Como pianista, foi colaborador em um programa de auditório da Rádio Rio de Janeiro AM e participou da trilha sonora da peça *A História é uma História* (1979), dirigida por Jô Soares. A partir daí, começou a ser escalado para fazer direção musical e trilha sonora de outras peças. Chegou até a fazer uma breve carreira no teatro, atuando ao lado de Sandra Bréa, Antônio Fagundes e Olney Cazarré.

Na televisão, foi responsável pela produção musical do programa *Aqui e Agora*, na antiga TV Tupi. Ficou na emissora até o seu fechamento. Pela Rede Globo, participou da direção musical da minissérie *Caso Verdade: a volta por cima*, em 1982.

Apaixonado por Minas Gerais e por Juiz de Fora, o músico se fixou na cidade e continuou com suas aulas de harmonia funcional. Após algum tempo de curso, Sylvio fez uma proposta aos diretores do Pró-Música de criar uma “orquestra oficina” para que seus alunos pudessem praticar o conteúdo do curso. Assim, fundou a Orquestra de Jazz do Pró-Música, que hoje, com 22 anos de existência, pertence à Universidade Federal de Juiz de Fora. Sua paixão pela música permanece, e o maestro continua dando aulas, fazendo arranjos, produzindo discos, regendo orquestras e fazendo shows com seu trio de jazz Sylvio Gomes Trio.

Carina Salgado

PATRIMÔNIO PRESERVAÇÃO X BUROCRACIA

Palco de grandes espetáculos e eventos, o Cine-Theatro Central também tem sido objeto de pesquisa acadêmica nas áreas de arquitetura e patrimônio, principalmente. No final de 2014, o espaço foi tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Direito de Wanderlei Faini. Com o título *A burocracia na manutenção e conservação do patrimônio público tombado: o caso Cine-Theatro Central*, o estudo foi feito por alguém que já se sente parte do local, afinal, Lelei, como é conhecido, atua como técnico administrativo no Central.

A pesquisa evidencia as dificuldades de se intervir em bens tombados como o teatro – que é patrimônio municipal desde 1983 e da União há 20 anos. “Para realizar qualquer intervenção, precisamos montar um processo com a proposta, anexar a planta e enviar para o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que pode aprová-la integralmente ou em parte. É um processo muito demorado”, explica Lelei. Já o prazo para recorrer da decisão do Iphan é muito curto – 15 dias –, considerando-se que o parecer do órgão é técnico e o recurso deve ser dirigido a cada um dos especialistas.

De acordo com Wanderlei, o Iphan não tem um prazo a cumprir para emitir seus pareceres, o que se torna problemático quando a intervenção é emergencial. Uma resposta pode demorar de seis meses a um ano, prazo longo para imóveis antigos como o Central, que está completando 86 anos neste mês. Para o restauro dos camarins, por exemplo, a administração do teatro aguardou oito meses pelo parecer do Iphan. Se o problema é uma infiltração séria, é difícil ter que esperar tantos meses pela autorização. Na avaliação de Lelei, prejuízos têm sido evitados no Central graças à boa vontade e à eficiência da UFJF em prever situações.

O TCC questiona essa burocracia para as intervenções em bens tombados. O autor argumenta que é possível conciliar cuidados com a preservação do patrimônio e eficiência nos processos. A solução, diz ele, seria tornar o processo mais claro e simplificado. Na opinião de Lelei, o Iphan é muito eficiente em sua fiscalização, mesmo tendo uma equipe reduzida,

mas a burocracia pode ser reduzida com mudanças na tramitação.

A fim de divulgar seu estudo, Lelei pretende transformar a monografia em livro. “Quero escrever numa linguagem mais acessível, que combine mais com o Central e transmita leveza, assim como a gente se sente no interior do teatro. Preciso casar a escrita com o ambiente”, afirma o pesquisador, que também já se apresentou como ator no teatro e já foi responsável por inúmeras produções da casa. “Eu sempre achei o Central uma obra de arte”, diz ele. A pesquisa também deverá ser publicada no site do Iphan.

Lelei acredita que, se seu trabalho já tivesse sido finalizado e publicado quando do episódio em que o comediante Paulo Gustavo, que se apresentou no Cine-Theatro Central em 2014, fez duras críticas sobre a falta de ar-condicionado, sua queixa não tomaria tal proporção. “Caso o artista soubesse que o patrimônio era tombado, teria consciência das dificuldades envolvidas e de que projetos como este [de instalação de ar condicionado em bem tombado] demoram bastante tempo para serem aprovados. Isso aconteceu por falta de conhecimento”.

Para o próprio pesquisador, seu conhecimento em relação ao Central não seria completo sem esse trabalho de graduação. “Eu pensava que sabia bastante. Mas havia um universo muito maior que eu precisava saber. Me surpreendi com muita coisa, mesmo tendo essa proximidade com o teatro”, assegura.



Vívia Lima

MAMM
MUSEU DE ARTE
MURILO MENDES
 Rua Benjamin Constant, 790
 (32) 3229-9070
 www.museudeartemurilomendes.com.br

EXPOSIÇÕES

Olhares imersos
 Galeria Retratos-Relâmpago

Poemóbilis/Caixa Preta
 Galeria Poliedro

O papel do poeta
 Galeria Convergência

Transmuriliana
 Galeria Poliedro
 Dia 10 – Abertura da exposição

CICLO DE CINEMA FRANCÊS

05, 19h | 20, 16h Filme *Exilis*, Tony
 Gatlif (2004)
 27, 16h Filme *L' esquivé*, Abdellatif
 Kechiche (2004)

CAFÉ COM POESIA

20, 19h *Cecília Meirelles*, Regina
 Maura

LANÇAMENTOS

05, 19h Lançamento do
 livro *Harmonia para todos os*
instrumentos, Maestro Sylvio Gomes
 27, 19h30 Lançamento do livro
Casa de Madeira, Darlan Lula



JANELA DO CAOS NO PAPEL DO POETA

O livro *Janela do caos*, na edição francesa da obra, de 1949, considerada hoje uma raridade bibliográfica internacional, está até o fim deste mês em exposição na mostra *O Papel do Poeta* do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). A obra teve edição única, limitada a 220 exemplares, e é resultado de uma parceria entre o poeta juiz-forano Murilo Mendes e o irreverente pintor francês Francis Picabia.

A gênese de *Janela do caos* aparece entre 1948 e 1949 nas cartas pessoais trocadas entre Murilo e o amigo Roberto Assumpção, diplomata brasileiro na embaixada da França no período, responsável pela edição. A correspondência com o diplomata foi publicada no livro *Cartas de Murilo Mendes a Roberto Assumpção* (Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007), sob organização de Júlio Castañon Guimarães. Nenhuma correspondência de Roberto para Murilo foi encontrada, mas, nas cartas do poeta, fica claro que a proposta de editar um livro ilustrado por Picabia vem do diplomata, coincidentemente no mesmo intervalo de tempo em que Murilo pretendia lançar no Brasil uma antologia de seus poemas. Nas palavras do poeta, "sensibilizado" com a ideia, ele imediatamente "topa" a sugestão do amigo.

Para a ocasião, Murilo escolheu poemas de dois livros mais recentes naquele momento: *Poesia liberdade e Mundo enigma*, ambos de 1947. Os seis textos selecionados para compor o volume – "As lavadeiras", "Janela do caos", "Poema dialético", "Choques" (os quatro de *Poesia liberdade*), "Poema barroco" e "Tobias e o anjo" (de *Mundo enigma*) – representam o resumo do espírito da poesia muriliana.

CONVERGÊNCIA

A união das estéticas visual e verbal que acontece em *Janela do caos* era um desejo antigo do poeta. É provável que isso tenha surgido da admiração da passagem do cometa Halley, em 1910, episódio com que, aos 9 anos, o escritor relata ter tido uma revelação poética. Esse fenômeno se torna o marco de uma vida em prol das palavras e permite notar, no decorrer do tempo, uma busca incessante por conhecimento de outras artes e por uma universalidade, na qual tudo possa entrar em convergência.

Murilo foi crítico de arte, colecionou pinturas, gravuras e desenhos, que são preservados hoje no acervo do MAMM. Parte da coleção de artes visuais e de livros, que serviram de inspiração literária para o artista, está na exposição *O Papel do Poeta*, em cartaz até 22 de março no Museu. A mostra reúne obras em suporte de papel e dedica uma parede da galeria *Convergência* ao exemplar de nº 84 de uma das obras que melhor atende ao caráter sublime das aspirações do poeta, *Janela do caos*.

Na época da publicação, o próprio Murilo destacou em uma das cartas enviadas ao amigo Roberto: "Sempre sonhei com um livro meu lisível. É de fato o meu primeiro texto lisível, visível". O poeta revela compreender o ideal do escritor francês, Stéphane Mallarmé, de enquadrar perfeitamente o texto poético em um papel especial. O comentário torna possível conferir à "qualidade lisível" de *Janela do caos* a conotação de um livro que possa, ao mesmo tempo, ser visto, admirado e lido.

Sem conhecer a obra de Murilo Mendes até então, Picabia aceitou a tarefa das ilustrações, e surpreendeu a todos – principalmente a Murilo – pelo perfeito casamento de suas imagens com o texto. O surrealismo presente na obra muriliana, por meio das temáticas que mesclam inconsciente, espiritualidade e catástrofe, aparece de forma sutil e precisa nas gravuras de Picabia. Com uma obra tão multifacetada quanto a do poeta, Francis Picabia, entre a maioria dos pintores de sua época, foi o que mais experimentou os estilos de arte vigentes. O pintor passou por uma fase cubista, tornou-se o pai do dadaísmo e, por fim, adotou alguns traços surrealistas em sua obra.

Em carta para o amigo Roberto Assumpção, Murilo Mendes, que raramente elogiava suas publicações, agradece emocionado pelo carinho dedicado à edição do volume e discorre sobre a substância das gravuras de Picabia: "Ele ilustrou no grande sentido, isto é, sem procurar uma correspondência gráfica total do texto, o que é impossível (...). Ele deu a atmosfera da minha poesia".

A EDIÇÃO

No grande formato de 25x32 cm, *Janela do caos* possui edição única, com apenas 197 exemplares numerados e 23 fora de comércio. O livro, apresentado pela primeira vez na importante galeria francesa da época, Galerie René Drouin, place Vendôme, em novembro de 1949, em Paris, foi muito apreciado pela crítica. O que mais chamou atenção foi seu caráter de unicidade, garantido pela escolha dos colaboradores e materiais que compõem o livro, feita pelo diplomata brasileiro Roberto Assumpção.

Já no papel em que estão impressos os poemas de Murilo e as gravuras de Picabia, pode-se perceber a singularidade de *Janela do caos*. O chamado *papier d'Auvergne* (papel Auvergne) é completamente manufaturado e era fabricado apenas no Moinho Richard de Bas, na região de Ambert, França – área ocupada hoje pelo Museu Histórico do Papel e considerada uma das pioneiras na história da fabricação de papel artesanal. O Auvergne é formado por bordas irregulares e possui uma textura, ao mesmo tempo suave e porosa, assegurada pelas fibras de papel aparentes.

O texto é distribuído em 40 páginas com margens generosas – possíveis graças às dimensões do papel –, "das quais, num requinte de proteção e sensualismo de matéria, treze são em branco abrindo e fechando o texto", aprecia o crítico de arte brasileiro, Ruben Navarra, no artigo "Uma edição brasileira em Paris", divulgado no Diário de Notícias em agosto de 1949.

Acompanhando o número de poesias, as seis gravuras em litografia preparadas por Picabia se encadeiam ao longo do livro, em preto. Ao final, há uma suíte com as obras, que podem ser apreciadas separadamente na cor vermelha e encerram o jogo harmônico de *Janela do caos*. Para Paulo Mendes Campos, a limitação da edição pode aborrecer algumas pessoas, mas, se não fosse ela, seria impossível reunir, em um volume, dois artistas que muito "se parecem no poder que têm de transformar a si mesmos e aquilo em que tocam".

Karina Klippel